

A Relação Entre Aparato Técnico e Memória: Estudo Sobre A Fotografia De Celular¹

Bruna BARRANCO²

Lívia Pinheiro MARQUES³

Gustavo Luiz Ferreira SANTOS⁴

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a partir de uma pesquisa quantitativa, a relação entre aparato técnico e sua atuação no processo de memorização, em confluência com o conceito de auto-amputação, proposto por Marshal McLuhan, de que as tecnologias servem como extensões do ser humano e podem levar a um embotamento de sentidos. O suporte escolhido para análise foi a fotografia digital produzida no, também aparato, *Smartphone*. Durante todo o processo investigativo, buscou-se apreender quais os comportamentos dos acadêmicos de graduação da Universidade Estadual de Maringá em volta deste recurso, e se é possível afirmar que a fotografia, no caso digital, ocupa o espaço da memória do ser-humano.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; *Smartphone*; memória; tecnologia.

Introdução

O processo de desenvolvimento da fotografia pode ser considerado como tendo início em meados do séc. XIX, com inventor Joseph Nicéphore Niepce (1765-1833) que trabalhou intensamente para obter “desenhos, mecanicamente, por ação da luz.” (AMAR, 2013 p.17). Por sua vez, em 1827, Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), um pintor e homem de negócios que utilizava a câmera escura para desenhar os cenários do seu espetáculo, entra em contato com Niépce com o desejo de “associar-se-lhe para explorar o que crê ser um bom negócio.” (AMAR, 2013 p.18).

Com a morte de Niépce em 1833, Daguerre continuou com as pesquisas para, assim, aperfeiçoar o processo do sócio. E, em 1851, a técnica do daguerreótipo mostra a

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação. 3º ano do Curso de Comunicação e Multimeios da UEM, email: brunabarranco@gmail.com

³ Estudante de Graduação. 3º ano do Curso de Comunicação e Multimeios da UEM, email: liviapinheiro@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação e Multimeios da UEM, email: guzferreira@gmail.com

ser a primeira técnica fotográfica a se popularizar no mundo todo. O equipamento, apesar de todo inconveniente como o longo tempo de exposição que o modelo deveria permanecer imóvel sob a luz e as frágeis superfícies de prata da foto, não impediu que suscitasse o entusiasmo geral por todo o canto do mundo.

André Rouillé (2005, p. 31) explica que o advento da fotografia, somente no século XIX, foi possibilitado graças ao desenvolvimento da sociedade da revolução industrial que se instalava na época:

Os lugares, as datas, os usos, os dispositivos, os fatos: tudo comprova que a invenção da fotografia se insere na dinâmica da sociedade industrial nascente. Foi ela que assegurou as condições de seu aparecimento, que permitiu seu desdobramento, que a modelou, que se serviu dela. Criada, forjada, utilizada por essa sociedade, e incessantemente transformada acompanhando suas evoluções, a fotografia no decorrer do seu primeiro século, como destino maior conheceu apenas o de servir, de responder às novas necessidades de imagens da nova sociedade.

Ainda, de acordo com Rouillé (2005, p.49), isso se deve à habituada procura da indústria de expandir seu domínio, na busca incessante de aumentar sua área de circulação: “Circulação do dinheiro, circulação das imagens, circulação das informações: é neste universo, o do Ocidente industrial, que a fotografia se instala.” Deste modo: “A invenção ‘raramente é devida ao acaso: ela corresponde a uma necessidade profunda e geral, tanto econômica como intelectual” (LESOURD; GERÁRD apud AMAR, 2013 p.16).

Nesse contexto, comunicação teria papel preponderante a justificar e manter o aglomerado cultural da sociedade, e, assim, promover novas formas de interação. Ela é a base dos fenômenos sociais: “[...] a sociedade só pode ser entendida através do estudo das mensagens e dos recursos de comunicação de que dispõe [...]” (WIENER, 1967, p.17 apud RUDIGER, 2011, p.17).

O teórico Marshall McLuhan (1964) desenvolveu uma hipótese a qual assevera uma significativa influência dos aparatos da comunicação nas mudanças das relações sociais existentes. Ele afirma que os meios de comunicação provocam relevantes mudanças nas estruturas os quais entram em contato, sejam elas sociais, temporais e/ou espaciais.

Em suas análises, McLuhan defende que as tecnologias de comunicação provocam modificações nos indivíduos, o que acabam por gerar novas formas de

percepção da realidade. O autor explica, por meio do mito grego de Narciso⁵, que o homem naturalmente se torna fascinado por qualquer extensão de si independente das ferramentas. E, segundo ele, isso se justifica pelo fato de que extensões provocam no indivíduo um estado de dormência e prazer. Ou seja, o estímulo para a amplificação de determinada função vem como alívio para a pressão exercida sobre o sistema nervoso pela aceleração do ritmo de produção e aumento de carga. Característica essa, presente desde a origem da fotografia na modernidade:

No decorrer da história, a tecnologia foi muitas vezes requisitada por desenhistas, gravadores, artistas. [...] No entanto, nunca a mão do homem havia sido abolida. Ou seja, um limiar foi transposto com a fotografia que, enquanto imagem tecnológica, se distingue de todas as imagens anteriores, e anuncia uma nova série... (ROUILLÉ, 2005, p.31).

E, a partir disso, este artigo objetiva refletir, com base em uma pesquisa empírica exploratória, realizada com os acadêmicos da Universidade Estadual de Maringá - Paraná, sobre possíveis usos e desdobramentos da fotografia digital no suporte técnico celular. Pois

[...] estão mudando os modos de produzir e tratar esses registros visuais, assim como a maneira de armazená-los e o lugar onde são guardados. A tecnologia digital converte em dados informáticos as imagens captadas pela câmera e, com essa transformação, concede-lhes uma maleabilidade inédita. Além disso, os canais interativos da chamada Web 2.0 inauguraram formas antes impensadas de se relacionar com as imagens. (SIBILIA, 2011, p.128).

Recorrendo à essa investigação de caráter quantitativo, buscaremos responder ao seguinte problema: De que maneira estudantes utilizam a fotografia celular em seu cotidiano e práticas de estudo?

Metodologia do trabalho

⁵ De acordo com McLuhan (1964, p.58): “O jovem narciso tomou seu próprio reflexo na água por outra pessoa. A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida. [...] Ele estava sonado. Havia-se adaptado à extensão de si mesmo e tornava-se um sistema fechado.

De toda a obra de McLuhan, sempre se sobressaem suas duas máximas mais conhecidas, *o meio é a mensagem* e *as tecnologias são extensões do homem*. McLuhan afirma que seu principal tema é a “extensão do sistema nervoso na era elétrica, por consequência uma quebra completa em 5000 anos de tecnologia mecânica” (MCLUHAN, 1987. p. 300). Quando se considera a presença constante de smartphones no cotidiano do brasileiro, principalmente dos jovens, segundo Fernando Meirelles, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, “Quanto mais jovem a pessoa, mais ela está fazendo tudo no smart. Eu tenho vários alunos que, mesmo com o computador, por exemplo, eles observam o celular. Então é comportamental”, pode-se entender que o aparelho já se tornou uma extensão das pessoas. Segundo a revista Exame, aproximadamente 73% dos brasileiros que possuem smartphone não saem de casa sem ele e, para os jovens, é o item mais importante a ser levado a um evento, à frente de documentos e dinheiro (dados de junho de 2013).

Estamos aqui nos referindo, contudo, às consequências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes. Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. (MCLUHAN, 2014. p. 22)

Desse modo, uma alteração na relação no modo como os seres humanos usam sua memória, a partir do contato com o aparelho smartphone com possibilidade constante de registro fotográfico seguiria a lógica já presente nas alterações históricas que ocorrem a cada vez que surge uma nova tecnologia, que segundo McLuhan, levam a um embotamento, ou auto-amputação, dos sentidos humanos em favor da tecnologia, que gera uma facilitação, um alívio de pressão no sistema nervoso.

Contemplar, utilizar ou perceber uma extensão de nós mesmos sob forma tecnológica implica necessariamente em adotá-la. Ouvir rádio ou ler uma página impressa é aceitar essas extensões de nós mesmos e sofrer o “fechamento” ou deslocamento da percepção, que automaticamente se segue. (MCLUHAN, 2014. p. 64)

O smartphone é um suporte que apresenta prolongamentos de outros suportes em si, como por exemplo a fotografia, objeto de análise deste artigo, que serve como representação pictórica, desloca a percepção da realidade,

Incorporando continuamente tecnologias, relacionamos a elas como servomecanismos. Eis por que, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos devemos servi-los, como ídolos ou religiões menores. (MCLUHAN, 2014. p. 64)

“O que caracteriza de maneira peculiar é o fato de ela apresentar momentos isolados no tempo.” (MCLUHAN, 2014, p. 214). Desde a invenção da técnica fotográfica, a foto exerce um importante papel socializador. Em estórias populares, por exemplo, percebemos o valor dado a ela:

A consciência do poder de transformação da fotografia transparece nas estórias populares, como a da mulher que exclamou: “Mas que amor de criança!” - para ouvir da mãe a seguinte resposta: “A senhora tinha de ver a fotografia dela”. (MCLUHAN, 2014, p. 214)

Dado esse panorama, uma pesquisa que explore os usos do celular, em especial da fotografia, pode oferecer um vislumbre de como o uso do aparato smartphone altera a relação do ser humano com a fotografia, considerando-se o histórico já apresentado da relação entre as duas, com a memória.

Para a coleta de dados, foi realizada uma pesquisa exploratória através de um formulário on-line respondido por estudantes da UEM. No questionário buscou-se explorar de que forma os estudantes de graduação da Universidade Estadual de Maringá se relacionam com a fotografia por meio do aparato celular.

Na determinação da quantidade de respostas necessárias para que a confiabilidade da pesquisa fosse a melhor possível, foi utilizado o método de cálculo de amostragem estatística.

O público da pesquisa, ou seja, o total de todos os elementos sob investigação, foram todos os estudantes de graduação da Universidade Estadual de Maringá, totalizando 18435 elementos. Para que a pesquisa tivesse um nível de confiança de 95%,

com uma distribuição heterogênea, e com um erro amostral de 6 pontos percentuais para mais ou para menos, foram contabilizadas 265 respostas.

Os cursos representados nesta amostra foram Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Artes Cênicas, Biomedicina, Bioquímica, Ciências da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Comunicação e Multimeios, Direito, Economia, Educação Física, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Estatística, Farmácia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Medicina, Medicina Veterinária, Pedagogia, Psicologia, Química e Zootecnia.

As perguntas foram elaboradas de modo a explorar minúcias da maneira como os estudantes da Universidade se relacionam com as fotografias que são capturadas pelo aparelho celular. A princípio, preocupou-se que as respostas fossem especificando gradativamente os usos da fotografia pelo celular de modo que os participantes respondessem de forma espontânea para que se precisassem os resultados mais naturais possíveis.

Os questionamentos a serem respondidos foram:

1. Idade
2. Curso de Graduação
3. Utiliza o celular para fazer fotografias?
4. Já imprimiu alguma foto feita pelo celular?
5. Com que objetivo faz fotos utilizando o celular?
6. Você revisita suas fotos? Como?
7. Já utilizou fotografias como forma de substituir anotações? (Fotos de quadro, matéria, cartaz etc)?
8. Foi útil, depois, para se lembrar de alguma coisa?
9. Que tipos de situações você já fotografou simplesmente porque tinha o celular em mãos?

Dessa forma, a pesquisa apresentava um perfil de idade, curso e utilização do celular dos estudantes, assim como sua relação posterior com os registros fotográficos que produzem, possibilitando dados empíricos que auxiliem no desenvolvimento da discussão que se propõe, acerca das relações entre aparato técnico, fotografia e memória.

Análise dos resultados

Os dados coletados na pesquisa apresentam o perfil da população alvo da investigação, no caso os estudantes de graduação da UEM, como a população jovem. Sendo a maior parte (51%) com idades entre 17 e 20 anos, seguidos de 40% dos 21 aos 25, 7% dos 26 aos 30 e 2% com mais de 30 anos, dos cursos supracitados. Cabe a observação que, uma vez que a pesquisa foi realizada e divulgada na internet por meio de redes sociais, presume-se que os respondentes necessariamente tenham familiaridade com esses meios, para uma análise mais representativa da população em geral seria necessária uma pesquisa com amostragem maior e mais variada, além de um aprofundamento das perguntas.

Com relação à questão do uso do celular para fazer fotografias, 99% responderam afirmativamente, de modo que se confirmam nesse ambiente os dados apresentados de que o aparelho *smartphone*, juntamente com a fotografia, tem ampla presença no cotidiano dos jovens universitários brasileiros.

As respostas à pergunta se as pessoas já haviam imprimido alguma fotografia feita pelo celular pretendia averiguar se o meio fotografia impresso estava sendo substituído pelo suporte digital. Os resultados foram equilibrados, com uma pequena margem de diferença, com 60% afirmando que já imprimiram uma foto pelo celular, enquanto 40% nunca o fizeram. Pode-se perceber que apesar de ser muito utilizada, a fotografia digital ainda não substituiu completamente a fotografia impressa, o que indica que pode ser um processo em andamento, e que a materialidade ainda é apreciada.

Em seguida, houve o questionamento sobre os objetivos dos usuários ao tirarem essas fotos, se seriam para arquivo próprio, para compartilhamento público em redes sociais, para pessoas específicas ou ainda outros usos. Para essa pergunta, múltiplas respostas eram permitidas. Nesse caso, 90% das respostas afirmam que fotografam para arquivo pessoal e compartilhamento, porém esse número cai drasticamente quando se considera pessoas que fotografam somente para arquivo pessoal, sendo de apenas 10%. 78% compartilham também seus registros em redes sociais diversas e outros 65% compartilham somente com pessoas específicas.

Sobre a forma que revisitam as fotografias, pretendia-se demonstrar qual é o uso dessas imagens após seu registro, se continuam tendo algum tipo de representatividade

ou se são prontamente esquecidas. Os resultados apresentam que 89% revisitam as fotos pela memória do celular, 8% pelos arquivos de redes sociais, e os outros 3% dividem-se entre pessoas que nunca voltam a conferir suas fotos e a uma única pessoa que afirma que aprecia as fotos impressas. Esse dado, em particular, denota a presença da fotografia como documento, mesmo em diferente plataforma (no digital), como evidencia Rouillé (2005, p.38, grifo nosso) ao descrever características da fotografia, que a acompanham desde seus primórdios: “Ao contrário de obras de arte - destinadas a serem contempladas, expostas e admiradas -, reunidas desse modo as imagens foram sobretudo consultadas, arquivadas, utilizadas.”

Foi feita ainda a pergunta sobre o uso da fotografia de modo a substituir anotações, como fotos de quadro, matéria, cartazes etc. de modo que a única finalidade seria guardar informações. 96% fazem esse tipo de uso das fotos no celular, contra 4% que não fazem esse uso, considerando-se aí também o 1% que respondeu que não utiliza o celular para fotografar. Então, entre as pessoas que fazem esse uso, o percentual seria ainda maior.

Sobre a utilidade desse tipo de registro, 90% consideram que as fotos cumpriram sua função de servir como registro de informações, enquanto 10% não voltaram a utilizar as informações armazenadas.

A última pergunta visava um maior entendimento de que tipo de fotos as pessoas fazem simplesmente porque têm o aparelho em mãos, quais são as situações que essa facilidade propicia que sejam registradas. Foram permitidas múltiplas respostas. O uso mais frequente foi para fotografar animais de estimação, com 77% das respostas, seguido por comidas (68%), situações engraçadas em geral (66%), acidentes de automóvel (10%), e outras situações diversas (13%).

Com esses dados, e levando-se em conta os referenciais apresentados previamente, pode-se levantar alguns questionamentos acerca das relações entre a fotografia feita com o celular e a memória. Se o celular pode ser considerado uma extensão do ser humano, então sua memória estaria também ligada à memória humana, sendo sua capacidade de fotografar e registrar tudo, eliminando até mesmo o esforço da necessidade de escrever algo para tomar nota, um modo de auto-amputação da memória.

A portabilidade, proporcionada pela hibridização das câmeras fotográficas e telefones celulares, aliada à capacidade de armazenamento e facilidade de compartilhamento fizeram com que a emissão de imagens tomasse uma proporção

nunca antes contemplada, alterando sua relação de curadoria e a escolha cuidadosa de quais momentos da vida uma pessoa vai registrar, uma vez que é possível ter cada momento de sua vida armazenado e disponibilizado para determinada audiência. Assim, tudo pode ser fotografado, e o momento fica eternizado instantaneamente sem esforço físico ou mental, essa diminuição do esforço pode ser vista de modo que parte-se da memória como única maneira de reter informações, para um esforço de escrever de próprio punho, para digitar em teclas e atualmente com um toque a informação está armazenada. Percebe-se aí o fluxo da memória biológica para a memória do aparato.

Outra inflexão evidenciada pela pesquisa relaciona-se à forma como a fotografia é vista, apesar de muitas pessoas terem respondido que já imprimiram uma foto feita com o celular, apenas uma afirmou revisitar as imagens dessa maneira, ou seja, mesmo que ainda conservando o hábito de ter as fotos no suporte papel, a maioria não tem o hábito de revisitá-las dessa maneira.

McLuhan já havia discutido a forma como a linguagem escrita alterou os modos de relação e comunicação entre os seres humanos, da mesma maneira, a fotografia “os homens descobriram como fazer reportagem visual sem sintaxe” (2014. p. 216), ou seja, a fotografia elimina a necessidade de uma narrativa, falando por si mesma com a imagem. Isso, alinhado aos dados da pesquisa que indicam que a maior parte das pessoas fotografa com a intenção de compartilhar seus registros, também gera uma alteração no modo de narrar experiências, diminuindo a necessidade de explicações verbais e escritas, as pessoas preferem compartilhar a imagem.

Conclusão

Levando-se em consideração os dados levantados, as discussões e questionamentos apresentados, pode-se dizer que há evidências de que o uso do aparelho celular *Smartphone*, com possibilidade de captura de grande volume de fotografias, alterou o relacionamento do ser humano com as fotos, e portanto com o tipo de relação que tem com o processo de memorização. Devido ao grau de precisão da pesquisa e à ampla maioria nas respostas de que existe a utilização de fotos como substitutas de anotações, também é possível afirmar que existe sim a característica de alteração no processo de memorização do ser humano com o uso do aparato técnico. Isso também é válido para a comunicação, por exemplo com situações cotidianas e

corriqueiras, ao invés de narrar os fatos ocorridos, as pessoas fotografam todo tipo de situação e mandam a imagem, que passa a contar a história, diminuindo o esforço de puxar detalhes da memória.

Os dados corroboram para a confirmação de que existe uma inflexão no uso do aparato celular, com sua característica de híbrido com a câmera fotográfica, influenciando no processo de memorização dos seres humanos. No entanto, estas constatações são restritas à população investigada, e para que sejam extrapoladas para a população em geral seria necessário um estudo mais aprofundado e com uma variedade maior de indivíduos em características como idade, classe social, acessibilidade a tecnologias entre outros. Uma pesquisa qualitativa também poderia aprofundar o entendimento das maneiras pelas quais o smartphone funciona como uma extensão da mente humana.

Outro aspecto do registro de imagens pelos smartphones que poderia suscitar uma reflexão é o *print screen*, captura de tela dos celulares, uma foto da tela, que também opera como armazenamento de informações e auxilia no repasse de histórias, funcionando também análogo à memória.

Referências

AMAR, Pierre-jean. **História da fotografia**. Lisboa: Arte e Comunicação, 2013. 132 p.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Pensamento-cultrix Ltda, 2007. Trad. de Décio Pignatari.

_____. *Letters of McLuhan*; Editado por Molinaro, M., McLuhan, C. e Toyne, W. Toronto, 1987.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009. Trad. de Constancia Egredas.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011. 152 p.

SIBILIA, Paula; DIOGO, Ligia. **Vitrines da intimidade na internet: imagens para guardar ou para mostrar?** Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 16, n. 30, p.127-139, 2011.